

## Resenha

OLIVEIRA, Laura Nogueira (org.).

Ouvir para contar: memórias de alunos negros  
do Curso Técnico em Química CEFET-MG de 1964 a 1978.

Belo Horizonte: CEFET-MG, 2015. 124p.



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v9i1.1722>

*Fábio Liberato de Faria Tavares*

Mestre em Educação pelo CEFET-MG

[fabioliberatobh@yahoo.com.br](mailto:fabioliberatobh@yahoo.com.br)



Recebido em: 07/12/2015 – Aceito em 23/06/2016

Neste livro, são apresentados o resultado de pesquisas, que se iniciaram no Arquivo Geral do CEFET, com o levantamento de dados acadêmicos e sociais dos alunos matriculados no curso técnico de Química Industrial da Escola Técnica de Belo Horizonte, desde o ano de 1964, quando ocorreu a sua fundação, até 1978, às vésperas da alteração de nome e perfil da Escola Técnica, com o oferecimento de graduações, como a de engenheiro de operações. Na primeira etapa do trabalho, foi verificado que no período escolhido pelos pesquisadores, ingressaram na Escola 752 alunos no turno diurno, e desses, apenas 49 eram negros e um número ainda menor (26) conseguiu se diplomar. Já no período noturno, houve a entrada de 473 estudantes, sendo 42 negros e um número ainda menor de diplomados: 16.

A partir deste levantamento foi montado o projeto de História Oral “*Ouvir para contar – construção de um acervo de memórias de alunos (as) negros diplomados pelo Curso Técnico de Química Industrial da Escola Técnica Industrial, da Escola Técnica Federal de Minas Gerais, atual CEFET-MG, de 1974 a 1978*”<sup>1</sup>. Com a ajuda do Conselho Regional de Química (CRQ-MG), foram feitos contatos com ex-alunos negros e oito se dispuseram a dedicar parte do seu tempo ao projeto. É perceptível ao longo das entrevistas que a oportunidade que essas pessoas tiveram de fazer um curso técnico de qualidade numa tradicional instituição de ensino, abriu para esses jovens negros excelentes oportunidades de inserção no mercado de trabalho e conseguirem dessa forma uma ascensão econômica e social, numa posição ímpar, comparada com a esmagadora maioria dos negros brasileiros naquele momento, e infelizmente, mesmo na atualidade. Um bom exemplo é a declaração do ex-aluno Sebastião Eustáquio de Jesus sobre o resultado de seus estudos na Escola.

Deixamos de ser favelados. Isso era 1970 e eu tinha três anos de formado. Então, em apenas três anos eu consegui mudar o padrão de vida da minha família e ter casa própria (p. 29).

É interessante observar que, embora todos tenham ressaltado os bons momentos vividos dentro da instituição, a passagens desses jovens negros pela Escola Técnica não

<sup>1</sup> O projeto contou com financiamento da FAPEMIG e teve como orientadoras Laura Nogueira Oliveira e Marina do Nascimento Neves. Como bolsistas participaram Adriana Rodrigues Gonçalves, Nardele Aparecida Chaves Silva (ambas do curso de Letras do CEFET-MG) e Bárbara Santana Braz (aluna do curso Técnico em Química da mesma instituição).

foi isenta de tensões. “Brincadeiras” de cunho racista e mesmo perseguições abertas ocorreram, como demonstram os exemplos a seguir. O primeiro trata-se de uma série de situações vexatórias as quais o aluno Aluízio Domingos Sant’Ana foi exposto por um professor.

Fui arguido em todas as aulas desse professor. Ele falava que sorteava o número do aluno que iria ao quadro, mas só saía eu [...]. Ele me deu muitos zeros e até ria muito com a turma (p.55).

Em outra situação, o mesmo ex-aluno descreveu que tinha estudado muito para uma prova, entretanto a nota havia sido muito abaixo do esperado, o que causou desconfiância. Ele procurou o coordenador do curso e o professor em questão foi obrigado a fazer uma nova correção onde sua nota aumentou e permitiu a sua aprovação. Antônio Carlos de Almeida Costa, outro ex-aluno cita que: “[...] os colegas falavam do meu cabelo e de outros meninos negros não precisavam ser penteados” (p. 67).

A metodologia utilizada na pesquisa foi a história oral, que permite a construção de uma história mais democrática e consciente, ao dar voz a quem normalmente não teria<sup>2</sup>. Como defende Daphne Patai:

Não há vidas sem sentido, e não há histórias de vida sem significado. Existem apenas histórias de vida com as quais não (ainda) nos preocupamos e cujas revelações (incluindo aquelas de estonteante trivialidade) permanecem-nos, por essa razão, obscuras (2010, p. 19):

Além disso, a história oral permite preencher lacunas que muitas vezes a documentação escrita não consegue. A forma como as narrativas foram transcritas facilita a leitura, tornando-a bastante agradável. É uma obra que atende não apenas os que se interessam pela história da Química no Brasil, mas principalmente aos que querem mais informações sobre a questão racial em nosso país.

### Referências:

PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

TAVARES, Fábio Liberato de Faria. História oral: um importante instrumento para o trabalho com gênero e história da cultura afro-brasileira. In: *Revista de História Bilros*, v. 2, p. 192-197, 2014. Disponível em: <http://seer.uece.br/?journal=bilros&page=article&op=view&path%5B%5D=963&path%5B%5D=906> Acesso em 20 jun. 2016.

<sup>2</sup>Disponível em: TAVARES, Fábio Liberato de Faria. História oral: um importante instrumento para o trabalho com gênero e história da cultura afro-brasileira. *Revista de História Bilros*, v. 2, p. 192-197, 2014.